

PENSANDO A EDUCAÇÃO: TENTATIVA DE ENCONTRAR CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA EDUCATIVA NO PENSAMENTO DE LÉVINAS

THINKING ABOUT EDUCATION: AN ATTEMPT TO FIND CONTRIBUTIONS TO EDUCATIONAL PRACTICE IN LÉVINAS' THOUGHT

Rafael Ludwig **1**

Ivo Dickmann **2**

Resumo: A ideia central desta pesquisa é buscar uma nova aproximação entre a ética e a educação através do pensamento levinasiano. Este pensamento nos consegue mostrar novas contribuições e reflexões para contemporaneidade que é marcada por uma profunda crise da unidade da razão e por uma constituição da subjetividade soberana. Evidenciando a época que estamos vivendo, onde se propaga uma grande ideia de indiferença para com o outro, emerge uma problemática de resignificação e de defesa de um outra modalidade pedagógica, "outro modo de ensino", que seja baseado numa educação para o acolhimento e para a abertura de um ensinamento fundado na educação para a alteridade. Portanto, a proposta é investigar uma possível contribuição da ética da alteridade para as reflexões e práticas educativas.

Palavras-chave: Ética. Educação. Alteridade.

Abstract: The central objective of this research is to seek a new approach between ethics and education through Levinasian thought. This thought allows us to demonstrate new contributions and reflections for contemporary times, which are marked by a deep crisis in the unity of reason and by a constitution of sovereign subjectivity. Demarcating the time we are living in, where a great idea of indifference towards others is propagated, a problem of resignification and defense of another pedagogical modality, "another mode of teaching", which is based on an education for reception and for the opening of a teaching based on education for otherness. Therefore, the proposal is to investigate a possible contribution of the ethics of otherness to educational reflections and practices.

Keywords: Ethic. Education. Otherness.

1 Doutorando em Educação (FURB). Mestre em Educação (UNOCHAPECÓ). Professor no Centro de Ciências Humanas e da Comunicação (FURB). Graduado em Filosofia (UNIJUI). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6119281455118765>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4290-1803>. E-mail: rafludwig@furb.br

2 Pós-doutorado em Educação pela Uninove. Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bacharel em Filosofia. Licenciado em Pedagogia. Professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação. Professor-pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (UNOCHAPECÓ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1472497660681364>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6293-8382>. E-mail: educador.ivo@unochapeco.edu.br

Introdução

Emmanuel Lévinas, é um filósofo nascido em 1906, em Kaunas, uma cidade da Lituânia. Mas migrou para a Ucrânia logo após a Revolução Russa em 1917, sendo, mais tarde, morador da França, onde cursará filosofia e publicará sua tese de doutorado em Letras. Enquanto morador da França, Lévinas foi motivado por pensadores como Husserl e Heidegger, tendo se dedicado à fenomenologia. Também durante a segunda guerra mundial, será levado para o campo de concentração nazista na Alemanha, onde permanecerá prisioneiro, como judeu. Isso motivou ele a começar a repensar o sentido do outro em nossa existência, originando o seu interesse pela chamada filosofia da alteridade. Após esse período como prisioneiro na qual repensou muitas das suas ideias, o filósofo lituano, publica no ano de 1961, uma das suas principais obras, que é o livro “Totalidade e Infinito”. Todavia, em seguida será nomeado professor na Universidade de *Poitiers*, depois na de *Paris-Nanterre* e na de *Paris-Sorbone*, onde permanecerá por um longo período até quando vir a falecer em 1995.

Para o filósofo lituano, a alteridade do outro é para ele o início do filosofar, o fundamento da razão. A ética é a filosofia primeira e é a mola propulsora por excelência da filosofia. No entanto, a ideia central do seu pensamento, consiste em uma crítica ao pensamento da tradição filosófica do ocidente, que foi capaz de vários atos de violência contra o outro.

A partir disso, precisamos buscar uma nova aproximação entre a ética e a educação, para reavaliar o pensamento ocidental. Entretanto, Lévinas não é somente um crítico da pedagogia ocidental, mas ele consegue mostrar novas contribuições e reflexões para contemporaneidade que é marcada por uma profunda crise da unidade da razão e por uma constituição da subjetividade soberana.

Diante deste contexto, emerge uma problemática de ressignificação e de defesa de uma outra modalidade pedagógica, “outro modo de ensino”, que seja baseado numa educação para o acolhimento e para a abertura de um ensinamento fundado na educação para a alteridade, como uma condição ético crítico do saber, onde o saber totalitário, proveniente da cultura ocidental e ontológica, que prega um ensino voltado somente para um saber técnico-instrumental, possa ser superado, a partir de uma nova racionalidade ética.

Diante do exposto, formulo o seguinte problema de pesquisa com as quais iremos dialogar nessa pesquisa: Quais são as contribuições da ética da alteridade de Lévinas, para a construção de uma pedagogia de acolhimento do outro?

Diante do problema de pesquisa descrito, surgiram algumas indagações que se tornaram, neste trabalho, questões para estudo: a) Quais são as possibilidades de análise dos princípios éticos de Emmanuel Lévinas dentro de uma perspectiva educacional? b) Quais são as contribuições da ética da alteridade de Lévinas para o processo educacional? c) Quais são as contribuições do pensamento de Lévinas, para a construção de uma outra modalidade pedagógica? Todavia, a formulação do objetivo geral desta pesquisa será a seguinte: Buscar, no pensamento levinasiano, contribuições da ética da alteridade, como uma nova forma de ressignificar o nosso ego e propiciar uma ação educativa que parta para do outro. E para que se esse objetivo geral seja efetivado, pretendo dissolvê-lo em alguns objetivos específicos.

Portanto, o meu objetivo será realizar uma pesquisa ampla sobre esse tema, no contexto da atual realidade que nós educadores estamos enfrentando e precisando nos reinventar a cada dia. Silva (2020) em seus apontamentos, comenta, que precisamos reinventar a escola como espaço relevante de aprendizagem para que cumpra o papel de formar estudantes, a fim de interagir com criatividade, ética e responsabilidade, na sociedade em que estão inseridos.

Metodologia

O presente estudo trata de um extrato alcançado através de uma incessante pesquisa em fontes bibliográficas relacionadas ao pensamento levinasiano e como relacionar a sua alteridade para contribuir para as reflexões e práticas educativas na contemporaneidade. A base teórica do estudo foi inspirada e fundamentada em escritos de grandes autores como o próprio Emmanuel

Lévinas, Luís Carlos Susin, Ricardo Timm de Souza, Marcelo Fabri, René Bucks, Marcelo Luiz Pelizzoli, Márcio Luís Costa entre outros, que contribuíram para uma melhor compreensão do pensamento levinasiano. Sendo que esses autores acima mencionados, foram e são de certa forma os pioneiros a trazer à tona o pensamento filosófico de Lévinas na sociedade brasileira, pois muitos são tradutores de suas obras e difusores de seu inquietante e complexo pensamento.

O presente projeto de pesquisa faz parte da dissertação de mestrado em educação que estou construindo, junto ao programa de pós-graduação em educação da Unochapecó. Portanto, delineando a pesquisa a partir dos procedimentos metodológicos sob a forma de abordagem do problema a mesma pode ser caracterizada como pesquisa qualitativa. Já quanto a natureza da pesquisa a ser desenvolvida ela será uma pesquisa básica. Já do ponto de vista dos objetivos este estudo será uma pesquisa descritiva. E do ponto de vista dos procedimentos técnicos a pesquisa se caracteriza como pesquisa bibliográfica. Enfim, a obra de referência será o livro *Totalidade e Infinito* do filósofo lituano, na qual vamos fazer uma análise de conteúdo, a partir das suas principais categorias, buscando construir novas contribuições filosófico pedagógicas para uma pedagogia da alteridade.

Enfim, a questão central da pesquisa é buscar conteúdos bibliográficos, nesses autores, que conversem sobre como a alteridade levinasiana pode contribuir nas práticas e reflexões educativas e na possibilidade de tornar a aprendizagem mais significativa, valorizando o meio em que se vive. Confirmando, a alteridade como um processo a ser percorrido, uma possibilidade a ser traçada, para a superação de uma educação centrada somente no individualismo e em questões neoliberais, enfim. Para então, podermos ressignificar esse modelo educacional totalitário implantado, a partir de uma educação voltada para o outro e para uma nova racionalidade ética.

Desenvolvimento

A argumentação em torno dessa pesquisa, pode parecer um antagonismo, visto que Lévinas, durante todo o seu pensamento e suas obras não fez nenhuma reflexão, sobre a educação. No entanto, essa suposição somente poderia existir se estivessemos estabelecendo uma relação entre espaço escolar e educação. Portanto, nossa preocupação e perspectiva têm por ideia uma compreensão da educação como um aspecto de base antropológica que é pertinente a todo o conjunto da vida humana e não apenas a recortes que concernem à funcionalidade da esfera social. Portanto, discutir o elemento educativo no pensamento de Lévinas é problematizar toda sua contribuição para o campo da ética da alteridade no contexto de uma educação para a alteridade.

Lévinas, interpretava a sociedade no seu tempo, que foi em meados do século XX, como um sistema fechado, reducionista, onde os regimes totalitários impossibilitavam o desenvolvimento de um ser infinito. Contudo, a prática educativa que acontecia no ambiente escolar daquela época, e que Lévinas pensava que estava ocorrendo, devidos ao fato de a sociedade estar passando por momentos turbulentos, em especial aos reflexos de uma segunda guerra mundial, era uma escola com uma prática limitadora, e não permitia a escalada de um ser infinito.

Neste momento, é necessário ainda relembrar que a reflexão de Lévinas, é notadamente confrontada com a ideia do nazismo e do fascismo. Essa negação do outro propostas nesses projetos, está presente em toda a obra do filósofo. Portanto, a educação intitucionalizada pela via escolar, na ideia dele, que se fecha um projeto totalizante, não teria outro caminho a não ser uma promoção da negação da alteridade. A partir disso, é possível entender todo o processo de construção do pensamento levinasiano, e entender por que não encontramos observações voltadas ao campo da educação em seu pensamento. Todavia, todo o seu pensamento é baseado em um temática voltada a ética da alteridade. Essa experiência é possível ser for pensada em relação a um processo educativo com sentido muito amplo. A partir de então, começamos a entender e a desfazer desse paradoxo, e entender a relação entre a ética da alteridade e a educação. No entanto, a partir deste momento, este trabalho irá se esforçar em se desdobrar sobre essa temática.

Já afirmamos também, que todo o nosso trabalho estará baseado na proposta gadameria, e nosso papel será, através da sua hermenêutica, colocar os textos do filósofo lituano como nosso objeto de interpretação, nos valendo da ideia de buscar neles contribuições para se pensar reflexões para a prática educativa docente na contemporaneidade, através da ética da alteridade.

A filosofia do rosto proposta por Lévinas, nos abre caminhos para lançar uma ideia de infinito, isto é, a pensarmos em uma pessoa que se apresenta para nós na simplicidade, como o outro, como transcendência, sem ter a mínima intenção ou apreensão. Portanto não poderíamos pensar em nenhum momento sobre algum tipo de totalidade, quando falarmos sobre educação.

Agora, partindo dessa filosofia levinasiana, entendemos que o ser humano começa o seu processo educativo, nos primeiros momentos de sua vida de forma transcendente e infinita. Todo esse processo educativo, envolve todas as dimensões humanas, e não somente as de esfera epistêmica. Também é perceptível, que a educação, já não é mais uma simples forma de transmissão de conhecimentos, ou seja, a nossa educação não é algo que se totaliza somente nos muros das escolas.

Ao erguer novas possibilidades à filosofia e às próprias teorias que falam do homem, Lévinas ao mesmo tempo dá uma contribuição significativa à educação, isso pelo fato de convidá-la a assumir agora um novo sentido, um sentido que tem como grande ressonância e potencialização e a reverberação dessa abertura original que falam de um tempo de acolhimento e hospitalidade. E nisso, se poderia entender o que significa dizer que o processo educacional precisa ser humanizado. Dentro dessa perspectiva a educação seria responsável por potencializar a face humana do homem, através das mais diferentes estratégias pedagógicas de ensino e aprendizagem. A educação estaria alinhada a essa necessidade prévia do humano de responder ao Outro ao mesmo tempo em que deve cuidar para não fechar-se e decair em totalidade (Sayão; Neto, 2015, p. 143).

Na educação, como afirma Lévinas, é impossível pensá-la como algo totalitário, ou separado da existência humana. O egoísmo vivenciado em nossos dias, que é consequência de um processo de separação, pode ser exemplificado pela competitividade e pela violência. É o sistema neoliberal, presente na vida do ser humano e principalmente na educação que leva a um acúmulo individual, a competitividade e ao desconhecimento do outro. A partir disso, podemos ver, em muitos espaços sociais, uma visão exacerbada da violência. A educação, e como chamamos atualmente a sua correspondente que é a escola, nem sempre possuem formas de abdicar desse modelo de fechamento egoísta. Sendo assim, podemos pensar de duas maneiras uma educação fechada e totalizante. Primeiramente, poderíamos dispor desse modelo educacional político fechado e autoritário. Outra, seria o modelo educacional restrito a formação profissional. Todavia, esses modelos não permitem uma educação voltada para a exterioridade, aberta ao infinito. No entanto, em seguida, iremos tratar sobre a meta da educação na contemporaneidade, iremos ressaltar como é possível superar esses ideais e traçar uma perspectiva mais ampla da educação.

A obra de Emmanuel Lévinas pode ser caracterizada por dois grandes movimentos argumentativos. De um lado, está a crítica aguda ao sistema totalitário vigente e a todo contexto civilizatório no qual se nega a diferença e se impõe ao mundo a monotomia de uma mesma regra lógica-ontológica, que no mundo é alérgica e indiferente a tudo que não é ela mesma, como vimos na estruturação do pensamento moderno acima. E do outro, está à tarefa hercúlea de justificar a tese de que o homem cabe um modo alternativo de estar-aí, uma forma singular de presença, na qual é possível se ultrapassar as cercanias da consciência e o silêncio a que o mundo é conduzido e reconduzido, a ponto de falar agora em termos de acolhimento, hospitalidade, generosidade, responsabilidade infinita e possibilidade máxima da justiça, isso como o mais singular e próprio da dimensão humana no mundo (Sayão; Neto, 2015, p. 130-131).

Ao analisarmos a educação, vemos que esta é um processo dinâmico contínuo, e que está em constante dependência do outro. A humanização, se dá pelo encontro com outro, e ninguém se humaniza sozinho ou individualmente. O processo mais essencial de humanização, que é o biológico, ocorre com a participação de outros. Também as fases seguintes, como a socialização, a educação, enfim, só serão capazes de consolidar o ser humano se levarem em conta a condição de ser com os outros e partir dos outros.

A partir desse cenário, para o filósofo lituano, o ofício do educar perpassa os limites de uma simples formação simplesmente profissional, e se lança em uma transcendência infinita da existência, onde a pergunta por essa existência precede todo tipo de aprendizado.

Contudo, podemos considerar que entre a educação e a filosofia levinasiana, existe uma preocupação em buscar uma dimensão para o humano, principalmente em sociedades pragmáticas que são determinadas em uma grande introjeção tecnológica, pois nesses locais nem sempre já um local garantido para as práticas educativas, nesse caso de uma educação para a ética. Entretanto, não estamos querendo supor que nunca se vivenciou uma educação para a ética, e nem tanto dizer que a ideia do filósofo Lévinas é a única possível. Essa inquietação sobre a ética está presente desde Sócrates e perpassa por toda a filosofia ocidental. No entanto, muitos autores desde várias épocas e até mesmo do nosso tempo, vem estudando sobre essa temática e estão ajudando a contribuir e difundir esse pensamento.

Meta da educação na contemporaneidade

Para iniciarmos esse momento, precisamos nos questionar se é possível estabelecer uma meta educacional, isto é, se é possível estabelecer algo estático para a educação, sabendo que na educação é impossível a existência de um processo educativo pronto e acabado.

No entanto, poderíamos pensar a educação, através de um outro viés, ou seja, em vez de pensarmos a educação como uma meta, como algo acabado e pronto o objetivo é pensar uma educação que parta para o acesso mútuo ao rosto do outro, um processo que implicaria na relação inter-humana dos sujeitos em todas as suas dimensões e para além delas.

O conhecimento sempre foi interpretado com assimilação. Mesmo as descobertas mais surpreendentes acabam por ser absorvidas, compreendidas com o que há de prender no compreender. O conhecimento mais audacioso e distante não nos põe em comunhão com o verdadeiramente outro; não substitui a socialidade; é ainda e sempre uma solidão (Lévinas, 2000, p. 53).

Entretanto, se tivermos a ousadia de nos reportar a uma meta educacional, e que esta seja compreendida como uma inversão do sentido literal de seu nome, ou seja, ao invés de compreendermos uma meta como uma ideia pronta e acabada em busca de determinadas finalidades, pensaremos agora como uma abertura de possibilidades que favoreçam esse processo dinâmico, no meio educacional, de busca, e ao mesmo tempo de entrega perante uma alteridade, isto é, sempre diante de um outro.

Todavia, pensar o termo meta educacional interposta por uma reflexão levinasiana, seria pensá-la como algo que oferece um apoio pedagógico para que o educando não se totalize e fixe-se numa compreensão limitada do outro. A meta, portanto consistiria em perseguir um processo educativo que intente formar o ser humano para a responsabilidade, incondicional, para com o outro.

No entanto, nesse momento cabe-nos um questionamento, de como educar a partir do outro? É necessário voltar para as consequências reais e potenciais da filosofia levinasiana sobre uma possível teoria e práxis da educação: as perspectivas pedagógicas que o seu pensamento reabre. Pensamos que partindo da perspectiva de Lévinas não é mais possível continuar pensar a educação como antes. O pensamento da diferença provoca uma reviravolta antropológica e epistemológica na definição e na compreensão da relação educativa. Colocar o outro no centro significa, pôr o problema da atenção e do acolhimento, porque o outro me precede, vem antes

de mim, e vem de fora infringindo a prisão da minha identidade. Seguindo Lévinas é possível somente educar a partir do outro, porque o princípio de um processo educativo é o outro. Mas, não redutivamente no senso do velho purocentrismo, que é um ajustamento da velha tradição pedagógica, como também a proposta levinasiana é mais que uma inovação revolucionária.

Para alguns pensadores, o legado deixado pelo filósofo lituano, revela o quanto a sua proposta tem recebido um acolhimento positivo. Os autores vislumbram no pensamento levinasiano uma importante contribuição para uma reviravolta na compreensão de certas categorias ontológicas, epistemológicas, políticas e também pedagógicas. Portanto vamos ver apenas dois autores que mantêm um diálogo com a obra de Lévinas e que, de alguma maneira, se deixaram influenciar por ele.

Jacques Derrida, um intérprete crítico que muito se deixou influenciar pelos escritos levinasianos em seu discurso fúnebre, proferido no dia 27 de dezembro de 1995, no Cemitério de Pantin, em Paris, chega a afirmar que o pensamento levinasiano continha uma proposta para mudar o curso da filosofia como um todo. Ele relata que,

Todos os dias, para além mesmo da França e da Europa, já temos mil indicações – através de tantas obras em tantas línguas, tantas traduções, tantos colóquios etc. - de que a repercussão deste pensamento mudou o curso da reflexão filosófica de nosso tempo, e da reflexão sobre a filosofia, sobre o que ordena a filosofia à ética, a um outro pensamento sobre a ética, sobre a responsabilidade, sobre a justiça, sobre o Estado, etc., a um outro pensamento sobre o outro, a um pensamento mais novo que tantas novidades, porque ele se ordena à anterioridade absoluta do rosto do outro (Derrida, 2004, p. 18).

Ainda Derrida (2003), chega a afirmar que sua preocupação tem sido tentar mostrar que uma teoria política construída sob o sujeito é incapaz de dar conta de certas decisões políticas, ou seja, não consegue contemplar os anseios provindos de uma condição de pluralidade e diferença que constitui o mundo social. Temos, portanto, um apelo decisivo em favor da inclusão de paradigmas mais abrangentes de compreensão e de convivência humana, como parece ser a ética da alteridade.

Um outro pensamento em que a reflexão sobre a ética da alteridade levinasiana aparece de forma evidente, é a filosofia da libertação proposta por Enrique Dussel. Inclusive, os conceitos da filosofia de Lévinas chegaram a serem transpostos para aquilo que Dussel nomeia por pedagogia de uma ética libertadora latino-americana. Em suas palavras afirma,

[...] quando, em um grupo de filósofos descobrimos a obra de Emmanuel Lévinas, Totalité et Infini. Essai sur l'Extériorité. Minha ética ontológica se transformou em Para uma ética da libertação latino-americana; a mudança se situa exatamente entre o capítulo 2 e o 3. Nos dois primeiros capítulos vinha expondo uma ética ontológica (inspirada em Heidegger, Aristóteles, etc.), a 'via curta' de Ricoeur. O capítulo 3 se intitula: 'A exterioridade metafísica do Outro' (Dussel, 1998, p. 20).

O pensamento descrito por Dussel, sobre a interpretação da história a partir de um paradigma diferente daquele hegemônico, ou seja, a partir de um outro paradigma, parece decifrar as potencialidades existentes em se tomar a alteridade como método para a construção do conhecimento. Entretanto, seguindo as interpretações do seu pensamento podemos verificar que outro a quem se busca é sempre vitimado pelo processo, isto é, neste caso o processo educativo em curso. Seja por padecer de condições materiais ou subjetivas adequadas para acompanhar o processo educativo, seja por estar dele privado. Pode-se pensar desde a perspectiva do estudante

como outro do professor, ou desde a busca por um outro a quem o presente modelo de escola não atende. Pode-se refletir sobre o outro, excluído, dos currículos oficiais e sobre as outras, renegadas, metodologias possíveis para se aprender e se ensinar. No entanto, se faz necessário um exercício de se repensar a história desde uma perspectiva outra, e considerar a alteridade nos processos de construção do conhecimento e nos processos educativos em especial, ou seja, a alteridade também deve ser uma ferramenta que conste nos projetos e planejamentos da educação.

Pensamos que o futuro de nossa sociedade seja decididamente ligado à nossa capacidade de desconstruir nas novas gerações as causas de recusa e desconfiança no confronto com o outro e de estimular a projetar concretas soluções de acolhimento e paz. Realizando, assim, uma educação da proximidade.

No entanto, ainda não foi possível superar práticas educativas que querem reproduzir, com a finalidade de repetir o já dado e estabelecido pelo paradigma egológico do projeto de modernidade. Práticas, portanto, centradas apenas no saber, terminam simplesmente por empobrecer a experiência educativa, pois como já foi mencionado anteriormente, o ser humano é multidimensional e, por isso mesmo, se requer, uma educação multidimensional, ou seja, que esteja atenta a todas as dimensões componentes do humano.

O meu esforço consiste em demonstrar que o saber é, na realidade, uma imanência, e que não há ruptura do isolamento do ser no saber; que, por outro lado, na comunicação do saber nos encontramos ao lado de outrem, e não confrontado com ele, não na verticalidade do em frente dele. Mas estar em relação directa com outrem não é tematizar outrem e considerá-lo da mesma maneira como se considera um objecto conhecido nem comunicar-lhe um conhecimento (Lévinas, 2000, p. 49).

A partir de uma pedagogia da alteridade, a meta de um processo educativo, que se inicia com a aceitação e reconhecimento de mestre e discípulo, consiste na educação da vontade em responder pelo outro. No que tange a parte do professor, a questão da acolhida deve ser gratuita e sem interesses pessoais em relação ao aluno, fazendo com que este perceba que é alguém para o professor, e que é reconhecido em sua singularidade pessoal. Sem o reconhecimento do outro e o compromisso com ele não acontecerá uma educação.

Portanto, quando falamos de educação, estamos evocando um acontecimento, uma experiência singular e impossível de ser repetida, onde a ética se mostra como um acontecimento legítimo em que, de forma predominante, se dá a oportunidade de assistir o encontro com o outro, ao nascimento de algo novo que não é o mesmo. O que podemos aprender é nos dispormos a sermos receptivos e a estarmos preparados para responder pedagogicamente as demandas de uma situação educativa, em que outro ser humano nos reclama e nos chama.

Enfim, após delimitarmos os aspectos que compõem uma meta da educação, poderíamos resumir, que todo o processo educativo baseado na ética da alteridade levinasiana somente pode ter como meta a de levar o educando a assumir a responsabilidade, incondicional, pelo outro, na qual se apresenta. Esse aprendizado ocorre no plano da relação pedagógica mais evidente que é aquele entre discípulo e mestre ou, em um dizer mais específico, entre educador e educando. Nesse plano relacional nós encontramos o espaço para a realização daquilo que Lévinas denominou por relação face a face. Entretanto, antes de apresentarmos aquilo que nomeamos de um itinerário de formação ética a partir do pensamento levinasiano, precisamos discutir como ocorreu a construção do pensamento e quais foram as suas principais influências, neste caso, quais foram os grandes filósofos que influenciaram a construção da sua filosofia para ele chegar nesta concepção sobre a ética da alteridade que o mesmo nos apresenta.

Itinerário de Formação Ética na Educação

O que estamos expondo aqui, não pode ser compreendido como um único modo de se estabelecer um processo de formação que venha introduzir a ética no universo educativo e, nem

muito menos, que esses aspectos findam as dimensões e os temas que possam ser tratados. Entretanto, quer ser apenas um indicativo ou uma possibilidade de serem experimentadas em diversos contextos.

Educar para uma pedagogia de distanciamento do eu

Ao considerarmos o filósofo Lévinas como um pensador do descentramento pelas suas críticas relevantes ao pensamento ocidental. Como também, por causa do seu humanismo egológico, isto é, pensar exclusivamente na vantagem do sujeito, do eu. Nos sentimos convidados por esse pensamento a reconsiderar as nossas aquisições educacionais com um novo olhar. Podemos pensar que na escola se possa ensinar: religiões, história, geografia e todas as outras disciplinas a partir do Outro. Por exemplo: poderíamos estudar o descobrimento do Brasil não como um mérito europeu, mas mostrar que a mesma já estava descoberta, mostrar quem a realmente descobriu e que ela não foi conquistada pelos europeus. O trecho que segue nos ajuda a compreender que as relações assentadas unicamente em minha interioridade, quer dizer, em meu universo particular, muito facilmente se transformam em situações de assimetria, seja em um plano histórico, seja em um plano mais estritamente educativo.

A exterioridade do ser não significa, de facto, que a multiplicidade não tenha relação. Só que a relação que liga a multiplicidade não preenche o abismo da separação, antes o confirma. Nessa relação, reconhecemos a linguagem que só se produz no frente a frente; e na linguagem reconhecemos o ensino. O ensino é uma maneira para a verdade se produzir de forma que não seja obra minha, que eu não a possa manter a partir de minha interioridade.[...] Com efeito, o ser que me fala e a quem respondo ou que interrogo não se oferece a mim, não se dá de maneira que eu possa assumir essa manifestação, pô-la à medida da minha interioridade e recebê-la como vinda de mim mesmo.[...] A exterioridade do discurso não se converte em interioridade. O interlocutor não pode de modo algum encontrar lugar numa intimidade. Está de fora para sempre (Lévinas, 1988, p. 275).

A linguagem produzida na relação frente a frente se dá no contexto da exterioridade enquanto resistência à totalização que tende a ocorrer na “conciliação do mesmo”. A exterioridade que não pretende ser conciliada no mesmo, e que está situada em uma relação de ensino, deverá proceder a uma linguagem específica e essa linguagem pedagógica não pode estar circunscrita ao universo subjetivo daquele que assume o papel de educador. É certo que este tem toda uma responsabilidade e um papel a desempenhar. Todavia, essa linguagem é provida pela interpelação que faz a exterioridade, ou seja, o outrem. Lévinas está chamando a atenção para o abandono de práticas centradas no horizonte de quem, no processo educativo, tem a primazia da fala. Quando esse percurso de centramento do eu ocorre, não temos espaço para o florescimento da verdade e, logo, o ensino fica prejudicado, porque se torna eurocêntrico e não acolhe a experiência oferecida pela diferença do outro.

Se começamos a ensinar a partir do outro, mudamos tudo, porque ensinamos a descobrir os valores das outras culturas. A diferença entre as culturas não é um conceito negativo: precisa passar da concepção limitativa da diferença para a concepção positiva de diferenças, como os bens e valores. Por isso nós devemos perguntar como a escola nos fala dos diversos e dos outros. Eis a proposta de uma pedagogia do descentramento fundada fora dos parâmetros da definição de sujeito individual. O ponto de partida é o seguinte: eu sou um homem, o primeiro a ser descentrado, ou seja, devo ser necessariamente eu, seja: branco, ocidental, católico e do gênero masculino ou feminino. Estes elementos me estruturam como pessoa.

A filosofia de Lévinas também é útil para uma releitura do significado das grandes instituições mundiais, porque é um convite a não omitir nunca o discurso, isto é, a não esquecer que por trás

de nomes genéricos, como: Estado, Nação e Povo, estão os rostos de homens e mulheres, que historicamente e subjetivamente, construíram estes nomes genéricos, e que em hipótese nenhuma devem ser sacrificados à lógica do poder.

Educar para a paz

O pensamento levinasiano é definido em uma das suas principais obras, ou seja, na obra “Totalidade e Infinito”, que aborda temas como a pluralidade e a paz. De fato, se só um eu pode responder às imposições de um rosto, deve-se pensar em um eu que não se manifesta de forma isolada e egoísta dele mesmo. Deve-se pensar em um eu que se conserva na bondade, e em uma bondade que se produz como pluralismo. Para abordarmos o tema que estamos explorando nesse item, precisamos nos perguntar o que Lévinas entende pelo conceito de paz? Com efeito, levinasianamente falando, paz é acolher o outro, o indivíduo ou o povo na visitação do seu rosto. A paz e o acolhimento caminham juntos. É claro que se trata de uma concepção nova a respeito de tantas que caracterizaram a história da filosofia. Ele nos diz em seu livro “Totalidade e Infinito” que “A unidade da pluralidade é a paz e não a coerência de elementos que constitui a pluralidade. [...] A paz deve ser a minha paz, numa relação que parte de um eu e vai para o Outro [...]” (Lévinas, 1988, p. 286).

Segundo Derrida, Lévinas nos deixa uma mensagem urgente, sobre o que é a paz e sobre como lidar com as vítimas diretas ou indiretas de todos os tipos de guerra.

[...] só se pode estar em paz com um outro. Enquanto que o outro enquanto outro não tiver sido “acolhido” de alguma maneira na epifania na retirada ou na visitação de seu rosto, não haveria sentido falar de paz. Com o mesmo não se está jamais em paz. [...] e todo o pensamento de Lévinas é, quer ser, apresenta-se como um ensinamento [...] (Derrida, 2004, p. 105).

Portanto, se quisermos entrar verdadeiramente em uma era marcada pela ética da alteridade, precisamos voltar o nosso pensamento também para as questões das políticas internacionais. Lévinas nos diz que não tem só o face a face do rosto, mas tem o terceiro que clama por justiça.

Enfim, uma educação para a paz deve apresentar uma situação de encontro e unidade. Todavia, não deve negar a diferença que o outro traz, mas, ao contrário, deve ser fundada, justamente, na alteridade absoluta, reconhecendo a plenitude de outrem. Portanto, devemos aprender a acolher sem ter em vista aquilo que o outro porta em seu rosto.

Educar para escuta

Lévinas, evidencia em seu pensamento a importância de ouvir o outro é tão profunda que chega a ser uma prioridade primeiramente a escuta e depois o diálogo. A relação desarmônica entre o eu e o tu é claramente perceptível. A condição para aceitar o ao outro de visitar o eu é na verdade a escuta como o modo de ser da atitude, isto é, uma ética permanente. Em Lévinas, a escuta pode ser compreendida como um dar-se. Tal doação só é possível através da presença. Presença esta, em toda sua fraqueza de ser. Sendo assim, deixa-se tomar pela mão que o agarra, ou seja, pelo outro que lhe fala, interpela-lhe e ordena-lhe. A escuta do outro é indispensável. Somente escutando o outro, votando-se seriamente a sua alteridade, o sujeito pode se colocar em questão a própria liberdade. O outro é diferente de mim, deve ser escutado não partindo de como o vejo ou o interpreto, mas de sua exposição perante a mim. Assim, “[...] a presença na sua exposição, na sua fraqueza de ser, *ipso facto*, um dar-se, um deixar tomar e, portanto, no seu carácter concreto, um oferecer-se à mão que toma e, por conseguinte, através da contracção muscular do agarrar[...]” (Lévinas, 1991, p. 15) .

Através do encontro com o outro posso perceber estar sendo injusto e com esse saber

devo partir de uma nova consciência. Também porque, Lévinas não pensa uma situação cômoda, no qual o sujeito concede parte do seu tempo e de sua disponibilidade em nome de uma genérica familiaridade entre os homens, como também ele não vem nos propor uma espécie de disponibilidade à escuta motivada por um acaso ou por uma conveniência. Não devemos pensar estaticamente em um sujeito que: primeiro, vem educado de uma maneira irrepreensível e depois se dedica a encontrar os outros homens. Devemos ao invés, educar a uma capacidade de escuta constante, porque a realidade é dinâmica e desde o início o mesmo é ligado aos outros mesmo estando separados, sem poder evitar esta relação.

Escutar o outro, significa respeitar a história do outro, porque cada um tem sua própria história, que não pode ser dissolvida em uma narração que os tornam todos idênticos, pois estaríamos reduzindo assim o outro ao mesmo. Todavia, surgem alguns questionamentos, de porque é tão difícil escutar o outro? Muitas vezes sacrificamos os outros e suas exigências porque estamos sempre empenhados a dedicarmo-nos a nossas próprias coisas, sendo assim, somos levados a não ver o outro. Também porque eles não se apresentam como força maior que a minha, mas vestidos de uma fraqueza que me veta de absolvê-los no meu projeto de domínio. O fato em que o outro se apresenta como vulnerável e indefeso, pode complicar a minha vontade de escutá-lo. Por que muitas vezes somos mais levados a escutar aqueles que nos apresentam com intimidades. Portanto, é preciso realizar um esforço, no sentido de se colocar em atitude de escuta, para o acolhimento de outrem em sua alteridade.

Em uma cultura não aberta ao outro, a escuta se torna um projeto frustrado e inacabado. A atitude da escuta e a prática do diálogo conduzem as partes da relação educativa à procura comum, onde os papéis e as competências restam distintos, mas o senso profundo da aventura humana, da viagem de descoberta e de crescimento que se está fazendo é convivido e vivido em um espírito de companhia. Assim, a partir do outro muda o nosso modo ordinário de conceber e de fazer educação. Uma escola pensada e reestruturada a partir do outro e para o outro deve funcionar diferentemente das demais que estabeleceram todo processo educativo.

Também o outro é o que faz diferença na comunidade dos supostamente iguais, e este deve ser acolhido, ou seja, o ser diferente é que nos traz novos valores, novos recursos e novos direitos. Todavia, é necessário educar para a escuta do novo, do diferente, daquele que não sou eu, e que vá integrado na própria peculiaridade, antes de ser julgado e rejeitado, enquanto não harmonizados com os nossos paradigmas.

Entretanto, podemos buscar na escuta do outro, proposta por Lévinas nas relações pessoais, na vida de todos os dias, na escola, como um ponto de vista descentralizado, capaz de cultivar os valores da alteridade, unidos a uma cultura de hospitalidade contra os fechamentos mentais e materiais dos nossos dias. Enfim, para escutar verdadeiramente ao outro se precisa aprender a sair do centro de nós mesmos, partir para a exterioridade, fora de um sistema totalizante.

Educar para a responsabilidade

Hoje mais do que nunca se faz necessidade de educar seja a criança, o jovem ou adulto para a responsabilidade como escreveu Hannah Arendt (2000, p. 43) “Quem se recusa a assumir a responsabilidade do mundo não deveria ter filhos nem lhe deveria ser permitido participar na sua educação”. Lévinas nos leva a pensar que uma nova educação deve partir de conceitos como proximidade, responsabilidade e substituição. Em particular, o último conceito nos chama para a radicalidade do ensinamento levinasiano: não uma educação a uma responsabilidade genérica, mas a uma responsabilidade que nos leva até a substituição, isto é do mesmo pelo outro.

A partir do conceito de responsabilidade proposto por Lévinas, precisamos com certeza repensar o nosso próprio conceito, que nos foi estabelecido, porque o do filósofo lituano é sim um grande desafio, mas emergente. Podemos dar um exemplo de como nos foi estabelecido a concepção de responsabilidade e demonstrar como é esse conceito para ele. Exemplo: normalmente a responsabilidade nos leva a pensar em um sujeito sábio que é livremente empenhado. No entanto, em Lévinas a responsabilidade está a indicar um envolvimento com alguém não escolhido, mas que nos surge, que interpela, isto é a responsabilidade não se refere a minha liberdade, mas no que

eu não possuo e não decido.

Entendo a responsabilidade como responsabilidade por outrem, portanto, como responsabilidade por aquilo que não fui eu que fiz, ou não me diz respeito; ou que precisamente me diz respeito, é por mim abordado como rosto. [...] A minha responsabilidade não cessa, ninguém pode substituir-me. [...] A responsabilidade é o que exclusivamente me incumbe e que, humanamente, não posso recusar (Lévinas, 2000, p. 87; 92-93).

Pensar na responsabilidade em termos de substituição significa referir-se a uma alteridade em mim, que me intriga, sem que eu possa fazer nada, uma alteridade radical. Uma alteridade do mesmo como uma encarnação, como ser na própria pele, como ter o outro na própria pele. Uma espécie de dom que não existe reciprocidade. Entretanto, “Assumir a responsabilidade por outrem é, para todo homem, uma maneira de testemunhar a glória do Infinito, de ser inspirado” (Lévinas, 2000, p. 107). Na responsabilidade absoluta para o outro não se pode ser substituído, como se os papéis fossem recíprocos e permitissem ao outro igualmente capaz e habilitado de tomar o meu lugar.

A substituição é autônoma das minhas motivações porque é pura e gratuita: é responsabilidade pelo outro como aquele que não se inicia em mim, é responsabilidade na inocência e não depende de um fato empírico, nem de um acontecimento psicológico, é uma sensibilidade particular que leva a uma acolhida entre os seres humanos, ou de alguma forma de compaixão. Portanto, “Penso que na responsabilidade por outrem [...] O rosto, na sua verticalidade, é o que é visado [...]. O que nele se diz como pedido significa certamente um apelo ao dar e ao servir – ou o mandamento de dar e de servir [...]” (Lévinas, 2000, p. 112-113).

Enfim, a nossa convicção de educar para a responsabilidade deve ser uma via para enriquecer a própria identidade e não para empobrecê-la. A responsabilidade deve tomar o lugar de uma visão de liberdade como possibilidade de agir, segundo o nosso prazer sem limites. Por responsabilidade não se quer indicar exclusivamente o reconhecimento e respeito dos direitos dos outros. Esta visão restaria sobre um plano simétrico, o horizonte do recíproco respeito das diferenças. Lévinas pensa de maneira mais radical: o sujeito deve deixar o seu poder e instaurar um relacionamento pleno com outro. Evidentemente, existem laços humanos que são informados pela constituição biológica. Todavia, essa verdade não é uma razão suficiente para que eu não seja responsável por um ser separado de mim.

Contudo, precisamos pensar que uma educação centrada sobre a responsabilidade, nesse sentido, tenha gestos muito concretos. O humanismo do outro homem nascerá da escolha imediata de como se relacionar com o próprio tempo livre, com o próprio trabalho, com o próprio modo de mover-se à escolha dos próprios meios e sobretudo da direção real da própria vida. Por outro lado, se não cultivarmos uma educação baseada nesses princípios, teremos um senso desordenado do universo educacional que poderá levar-nos a uma inversão de tendências, isto é, aquele para o outro que é o oposto do para si. Entretanto, a filosofia de Lévinas, mais do que se voltar a um novo modo de pensar a nossa cultura e o relacionamento com os outros, nos leva a nos interrogar sobre nossos costumes e nossas escolhas de vida, isto é, para que não separemos a caridade da atividade prática em favor do próximo.

Educar para o homem infinito

A educação do homem de amanhã deve ter como base o modelo do homem infinito, que deve representar a superação de todas as antropologias baseadas sobre domínio, sobre a potência e pela indiferença por outros homens. O homem infinito é aquele que se sente parte do mundo, mais que de um estado-nação, dotado do senso de justiça social para entender a natureza dos desequilíbrios mundiais, aberto ao diálogo intercultural e ao respeito aos direitos humanos. “O Infinito vem-me à ideia na significância do rosto. O rosto significa o Infinito. Este nunca aparece

como tema, mas a própria significância ética: isto é, no facto de que quanto mais justo eu for mais responsável sou; nunca nos livramos de outrem” (Lévinas, 2000, p. 112-113).

A filosofia de Lévinas com seu considerar o rosto como a origem do senso, com o primado do outro sobre o eu, com a proposta de uma proximidade que, tornando possível a existência com o rosto de todos, torna-se uma verdadeira universalidade. Esta ideia se apresenta como uma preciosidade para uma antropologia finalmente assentada no infinito. A proximidade da qual fala Lévinas está inserida no dicionário do mundo, porque para abrir-se gradualmente a toda humanidade é necessário tornar-se próximo a quem se encontra no próprio caminho. Não basta se sensibilizar somente para mudar o mundo. Por sua vez, precisamos começar a combater a injustiça no mundo, reinventar, (re)existir e esperar, pois não se projetam ações éticas em grande nível sem agir responsabilmente nas relações pessoais concretas.

A conclusão ou compreensão que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme sobre nossas cabeças. Porque, se nós imprimirmos no planeta Terra uma marca tão pesada que até caracteriza uma era, que pode permanecer mesmo depois de já não estarmos aqui, pois estamos exaurindo as fontes de vida que nos possibilitaram prosperar e sentir que estávamos em casa, sentir até, em alguns períodos, que tínhamos uma casa comum que podia ser cuidada por todos, é por estarmos mais uma vez diante do dilema a que já aludi: excluímos da vida, localmente, as formas de organização que não estão integradas ao mundo da mercadoria, pondo em risco, todas as outras formas de viver – pelo menos as que fomos animados a pensar como possíveis, em que havia corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres, e não só dessa abstração que nos permitimos constituir como uma humanidade, que exclui todas as outras e todos os outros seres (Krenak, 2019, p. 46-47).

Ao finalizarmos a exposição desses componentes, precisamos nos questionar acerca de onde ou de que forma adquirir ou propiciar tais aspectos, ou seja, como construir esse itinerário na educação. Certamente, não será de uma leitura de Lévinas ou de outro pensador que enfatize essas questões. Evidentemente, que um embasamento teórico nos ajudará muito, mas o mais importante é que esses aspectos devem ser vivenciados em experiências concretas e cotidianas. Também se faz importante ressaltar, nesse momento a história de vida do próprio Lévinas que acusa na formação de seu pensamento ético e de sua prática, a vivência e os estudos das tradições bíblicas, literatura russa e filosofia ocidente, como sendo os pontos centrais de toda a formação do seu pensamento. Enfim, podemos considerar essas ou outras tradições como propostas para a construção de uma base de um itinerário de formação para a ética.

Considerações finais

A pesquisa que foi desenvolvida, teve como ponto principal encontrar na ética da alteridade do filósofo lituano Emmanuel Lévinas, uma contribuição para as práticas educativas da contemporaneidade. No entanto, concluímos que essa proposta da ética da alteridade, investigada durante essa pesquisa, tem muito a propiciar para nossa educação.

Cabe, ainda, ressaltar que estamos evidenciando uma época que se propaga uma grande ideia de indiferença para com o outro, nos deparamos com inúmeras ocorrências de desrespeito em relação aos direitos humanos e até a sua eliminação de forma mais banalizada, emerge a necessidade de um olhar mais ético, de sorte a que possamos repor a dignidade do eu e do outro em seus devidos lugares, com responsabilidade.

Esta ideia de modernidade, que se apresenta, é vista como uma forma de tentar compreender

a crescente racionalização do mundo, que é marcada por uma profunda crise da unidade da razão e por uma constituição da subjetividade soberana. Acentua-se nesse caso, uma divisão cada vez maior entre o papel da escola e o papel da família na educação. Pois é preciso que na escola se construa mecanismos para poder promover uma educação que parta para o outro, onde se construa a coletividade e se substitua uma educação individualista e totalizante, e se parta para uma educação do acolhimento, para uma pedagogia da alteridade.

Podemos dizer que essa educação fragmentada, neoliberal, egocêntrica, que está sendo instituída em nossas escolas, está nos levando a construção de pessoas menos humana, menos integrais, ou seja, é uma educação que não se completa, porque está faltando uma parte, que é o outro.

Nesse caso, esse aspecto reducionista, que não contempla o integral, é aquilo que o pensamento de Lévinas tanto critica. Pois, quando encontramos em seus escritos, algo referente a questão da educação ele sempre cita que ela precisa ter uma formação humana integral. Entretanto, não estamos fazendo, ou descartando a formação e transmissão de saberes técnico-científica que cabe ao espaço escolar. Mas, com fundamento no pensamento levinasiano, estávamos alertando, quanto se faz necessário experimentar novas práticas educativas mais integralizantes e menos fragmentadas.

Como podemos ver durante a elaboração dessa pesquisa, o filósofo lituano não é um agente solitário nessa caminhada, por uma educação mais integral. Muitos autores, vem discutindo essa nova práxis, que se faz urgente no contexto educacional. Precisamos estabelecer novos paradigmas, para buscarmos um equilíbrio entre o saber técnico-instrumental e uma dimensão mais humanizante da educação. E também, quanto a questão da ética da alteridade proposta por Lévinas.

Lévinas é um pensador muito novo para a história da filosofia, mas é preciso dar ênfase ao seu pensamento, e ver que é necessário instaurar uma nova ética, não fundamentada mais na ideia da individualidade, mas no outro que emerge como apelo para a compreensão de um novo mundo.

É necessário “esquecer” o pensamento ocidental, tão difundido nas reflexões e práticas educativas na contemporaneidade, que prima por uma por uma formação voltada ao “eu” e valorizar mais a ideia de Lévinas, que é o da ética como filosofia primeira. Isto, porque simplesmente não é possível, a partir da análise levinasiana, uma ética em base ao pensamento ocidental, pelo simples fato de ela reduzir tudo a mesmidade.

Talvez o legado mais importante que Lévinas nos deixou é o de que, neste mundo, se faz necessário repensarmos uma liberdade com responsabilidade voltada para o apelo do outro. É necessário sairmos da totalidade do ser e buscarmos a exterioridade, o além, em que a relação ética é possível. Esta relação ética que contenha a liberdade com responsabilidade e que sirva para ir ao encontro do outro que transcende os interesses mesquinhos do eu fechado em si mesmo.

É fundamentado no pensamento semita que Lévinas define a sua filosofia. É este pensamento que faz valorizar o outro doando-se para ele e assumindo sua responsabilidade para com ele. Para que isso aconteça, é preciso buscar uma outra compreensão de mundo, não a que engloba tudo numa totalidade, mas buscar o outro que se dá na exterioridade pela transcendência do rosto. Todavia, compete a nós refletirmos, se essa não seria uma maneira de livrarmos o pensamento filosófico do ocidente de toda essa primazia ontológica reducionista.

Assim, nos cabe, educar para uma formação humana pautada, na presença incondicional do outro. Pois somente, através do rosto do outro, que clama, que interpela, que podemos construir relações éticas. Entretanto, precisamos construir novos parâmetros para as práticas e reflexões educativas, pois as que estão atualmente vigentes, são propostas redutoras, parciais, e que reproduzem fielmente o paradigma ontológico do ocidente.

Contudo, a nossa tarefa, é para uma educação humana e integral, para formarmos pessoas éticas e que estejam abertas a acolher o outro. Para tanto, esse processo precisa começar pela construção de uma relação ética pedagógica por parte do educador, para que ele possa desempenhar essas funções éticas com o educando no seu processo de ensino-aprendizagem. E assim, possamos realizar uma nova proposta pedagógica, que parta do acolhimento, da formação humana e que atenda a multidimensionalidade das pessoas.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALVES, Marcos Alexandre; GHIGGI, Gomercindo. Ética como racionalidade aberta à alteridade em Lévinas. *In*: CREMONEZI, André Roberto; BAPTISTELLA, Rogério. **Sociedade pós-moderna: luzes e sombras**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2011. p. 139-154.
- ARENDET, Hannah. A crise na educação. *In*: POMBO, Olga (Org. e tradutora). **Quatro textos excêntricos**. Lisboa: Relógio d'Água, 2000.
- DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. Perspectiva: São Paulo, 2004.
- DUSSEL, Enrique. **Para uma ética da libertação latino-americana**. Vol. III Erótica e pedagógica. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LÉVINAS, Emanuel. **Totalidade e Infinito**. Portugal: Edições 70, 1988.
- LÉVINAS, Emanuel. **Da existência ao existente**. São Paulo: Papyrus, 1998.
- LÉVINAS, Emanuel. **O humanismo de outro homem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- LÉVINAS, Emanuel. **De outro modo que ser, o mas Alla de la essencia**. Salamanca: Sigueme, 1987.
- LÉVINAS, Emanuel. **Ética e Infinito**. Portugal: Edições 70, 2000.
- LÉVINAS, Emanuel. **Transcendência e Inteligibilidade**. Portugal: Edições 70, 1991.
- POIRIÉ, François. **Emmanuel Lévinas**. Perspectiva: São Paulo, 2007.
- SAYÃO, Sandro Cozza; NETO, Waldemir F. L. Emanuel Lévinas e os fundamentos da educação: pensar de outro modo, de outro modo que ser. *In*: POZZER, Aldecir; CECHETTI, Elcio (Orgs.). **Educação, Direitos Humanos e Interculturalidade: diálogos críticos e reflexivos**. Blumenau: Edifurb, 2015. p.123-160.
- SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- SILVA, Regina. Como o mundo, os professores nunca mais serão os mesmos após a pandemia. **Revista Educação**, São Paulo, 08 de jun. de 2020. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2020/06/08/professores-pos-pandemia/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

Recebido em 16 de novembro de 2022.

Aceito em 25 de agosto de 2023.